

Hermenêutica: a poesia da interpretação e a interpretação da poesia¹

Hermeneutics: the poetry of interpretation and the interpretation of poetry

Monica Giraldo Hortegas²
mhortegas@hotmail.com

Resumo

A hermenêutica muito se distanciou do seu sentido original. Se nasceu como interpretação de um texto sagrado, ampliou-se para se aventurar em outros contextos, sejam estes teológicos, jurídicos ou literários. Diversos autores construíram sua própria hermenêutica e deram sua contribuição para enriquecer esta disciplina. Este artigo se propõe a entender de que forma a hermenêutica foi se construindo ao longo do tempo e como ela foi se vinculando à interpretação da obra de arte literária e, mais precisamente à poesia. Por último, veremos a hermenêutica e sua relação com a religiosidade na poesia brasileira em dois momentos históricos distintos, no sermão poético de padre Antônio Vieira e na poesia sagrada de Adélia Prado.

Palavras-chave: Hermenêutica. Poesia. Religião. Padre Antônio Vieira. Adélia Prado.

Abstract

Hermeneutics has been detached from its original meaning. If its beginning was announced by the interpretation of a sacred text, it has grown to search for other contexts, whether theological, legal or literary. Several authors have built their own hermeneutics and made their contribution to enrich this discipline. This article aims to understand how hermeneutics has been built over time and how it was binding to the interpretation of literary work and more specifically to poetry. Finally, we will see hermeneutics and its relationship with religiosity in Brazilian poetry in two distinct historical moments: in the poetic sermons of Father Antônio Vieira and the sacred poetry of Adélia Prado.

Key-words: Hermeneutics. Poetry. Religion. Father Antônio Vieira. Adélia Prado.

Introdução

Segundo o dicionário Silveira Bueno da língua portuguesa, hermenêutica significa “interpretação dos textos sagrados” (Bueno, 2007, p. 405), também chamada de hermenêutica sagrada. Este era o significado inicial do termo. A hermenêutica se

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

² Graduada em psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e mestrandia do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

restringia ao contexto da interpretação dos textos religiosos, dado pela autoridade da Igreja, para que fossem preservados em seu sentido original, com o devido cuidado de não serem deturpados. Ateologia protestante europeia, a partir da Reforma, viu a necessidade de uma interpretação outra, que não a da autoridade estabelecida. Apoiavam o sentido que vinha amparado por duas bases: a oração e o estudo diligente (Anglada, 1997).

A hermenêutica contemporânea ampliou seu âmbito de atuação e, sustentada por teóricos diversos, trabalha agora em disciplinas outras, tais como: teologia, filosofia e literatura (Palmer, 2006, p. 16).

No ano de 1966, ocorreram conferências internacionais sobre o tema, que foram publicadas com o nome de: *Interpretation: The Poetry of Meaning* [Interpretação: A Poesia do Significado]³, enfatizando a importância da interpretação como problemática central (Palmer, 2006, p. 15).

Este artigo buscará entender, de modo geral, o sentido dado à hermenêutica no desenvolvimento de sua teoria e, de forma mais específica, o tratamento dado à interpretação do texto literário, particularmente, da poesia. Por último, veremos de que forma caminhou a religiosidade na poesia brasileira em dois contextos históricos distintos: a partir dos sermões de Padre Antônio Vieira e da poesia de Adélia Prado.

1 Hermenêutica

A palavra hermenêutica vem do grego e significa, enquanto verbo, interpretar (*hermeneuein*) e, como substantivo, interpretação (*hermeneia*). Relacionando o conceito com deus Hermes, o autor Richard Palmer aponta três vertentes deste significado: função anunciadora, explicativa e de tradução.

Como função anunciadora, entende-se como “expressar, afirmar ou dizer” (Palmer, 2006, p. 25). Hermes é um deus grego e, entre os seus atributos, está o de ser o mensageiro dos deuses. Há a valorização da palavra falada, declamada.

A linguagem falada é considerada um fenômeno interpretativo. A entonação dá sentido às palavras, expressa-se. E, nessa expressão, ganha vida, vira evento (Palmer, 2006, p. 29). Entende-se aqui que a palavra falada, quando transformada em escrita, não

³Tradução nossa.

deveria perder esta característica, a de ser não apenas técnica, informação, mas fala significativa, mensagem.

Como função explicativa, a interpretação ganha ênfase no aspecto discursivo. Não só fala, mas clarifica, dá entendimento. É importante que a interpretação traga clareza sobre algo anteriormente inexplorado. E não o faz de forma neutra, traz julgamentos. Assim, o significado faz sentido dentro de um contexto, dentro de uma relação entre quem o emite e quem o recebe. E quem o recebe não o faz como um papel em branco. Já traz sua pré-compreensão, suas expectativas. Como aponta Richard Palmer:

Para que o intérprete faça uma “performance” do texto, tem que o compreender; tem que previamente compreender o assunto e a situação antes de entrar no horizonte do seu significado. Só quando consegue meter-se no círculo mágico do seu horizonte é que o intérprete consegue compreender o seu significado (Palmer, 2006, p. 35).

Esse círculo, também conhecido como círculo hermenêutico, é o próprio movimento incessante entre a pessoa e o assunto, fazendo com que cada um e ambos possam dar [ou receber] o sentido do texto.

A terceira orientação, seguindo o sentido da palavra grega, significa traduzir. Não apenas no sentido da tradução de um texto estrangeiro, mas a tradução própria do interpretar, dar sentido para quem lê, seja o de trazer a ideia para outro contexto histórico, um contexto mais simples, ou apenas um contexto mais próximo do universo de quem recebe o que foi colocado.

Esta função está sempre presente, pois “há sempre dois mundos, o mundo do texto e o mundo do leitor, e por consequência há sempre a necessidade de que Hermes ‘ traduza ’ de um para o outro ” (Palmer, 2006, p. 41).

A hermenêutica tem diferentes abordagens, não tanto em divisões históricas, mas distintas quanto à problemática da interpretação. Assim, iniciou-se como exegese bíblica. Após este primeiro foco, surgiu o método histórico-crítico da teologia. Posteriormente, surgiram outros enfoques. Schleiermacher (1768 – 1834) adotou uma ciência da compreensão linguística, dividida em duas partes: gramatical e psicológica. Já Dilthey (1833- 1911) viu uma base metodológica das ciências humanas, uma disciplina central. Heidegger (1889 – 1976) se preocupou com as dimensões ontológicas

da compreensão; uma interpretação sobre o próprio ser e Gadamer (1900 – 2002), no encontro do ser através da linguagem. A hermenêutica também se aproximou da fenomenologia e dos sistemas de interpretação dos mitos e símbolos (Palmer, 2006). Não há aqui a intenção de abranger a totalidade dos estudiosos do tema. Sem dúvida, a hermenêutica tem sua influência anterior ao próprio termo, como, por exemplo, na escrita de Agostinho de Hipona (354 d.C. – 430 d. C.) e ainda hoje existem pesquisas novas atualizando e redefinindo a extensão do conceito.

2 Hermenêutica e poesia

Considerando a poesia como obra de arte literária, muito se tem a dizer a seu respeito, correlacionando-a com a hermenêutica.

A poesia, inserida no âmbito maior da literatura, tem seus distintos enfoques. Das poesias orais à poesia medieval, das poesias épicas até a poesia contemporânea, a importância da palavra, dos silêncios, da declamação, da entonação, da rima ou do número de versos, varia consideravelmente.

Dilthey classificou a obra de arte literária como uma expressão da experiência vivida. Nesta categoria “a experiência interior humana chega à sua máxima expressão” (Palmer, 2006, p. 119). Uma obra de arte, segundo ele, se vincula aos conteúdos internos de seu autor, mais profundamente, não apenas a ele, mas à própria vida. “É a interpretação da obra de arte literária inserida no contexto da historicidade da auto compreensão humana” (Palmer, 2006, p. 128).

Já para Heidegger, em toda interpretação existem pressupostos. O leitor, ao ler um poema, já possui considerações prévias (Palmer, 2006, p. 140). Este encontro entre leitor e obra tem um tempo e um espaço definidos, fundamentais para o entendimento do texto. Heidegger esteve atento à fundamentação ontológica e estende isso ao estudo da poesia. Para este autor, toda a poesia produzida de um poeta tinha como fonte primeira um único poema (Palmer, 2006, p. 145). Heidegger, nos seus últimos escritos, tornou-se cada vez mais poético, ao refletir sobre a vida e sobre o ser. Há todo um mundo a ser descoberto. Um mundo dentro do poema e o mundo do próprio ser que se revela no encontro com a obra.

No ano de 1936, Martin Heidegger escreve três conferências sobre arte chamadas *A Origem da Obra de Arte*, fundando uma teoria hermenêutica da arte. A arte não é completa apenas com sua técnica. Ela é revelação, verdade que se revela (Palmer, 2006, p. 164).

Em seu trabalho *Introdução à Metafísica*, há uma parte dedicada à interpretação do poema. Para ele, esta interpretação se daria em três etapas. A primeira, sobre o significado intrínseco do poema, a segunda, sobre aspectos métricos e, a última, a que situa o ser no centro do discurso poético (Palmer, 2006, p. 160).

Outro autor que trabalha a hermenêutica e a poesia é Gadamer. Para este escritor:

[...] a experiência de uma obra de arte transcende todo e qualquer horizonte subjectivo da interpretação, tanto o do artista como o daquele que percebe a obra de arte[...]O decisivo não é a intenção do autor nem a obra como coisa isolada, fora da história, mas o *quid* que aparece repetidamente nos encontros históricos (Palmer, 2006, p. 169).

Gadamer vê a obra de arte como conhecimento. Não basta considerá-la como um objeto. A possibilidade que se abre aqui é vê-la como um mundo, ou ver o mundo através desta obra. A cada encontro com a arte, alarga-se o universo pessoal, a compreensão da vida e de si mesmo. Mas todo este contexto está inserido dentro do tempo e da história e não dissociado destes. Segundo Palmer, “a obra de arte nos coloca uma questão [...]apossa-se de nós e, por breves momentos, é um mundo fechado em si próprio e auto-suficiente” (Palmer, 2006, p. 172).

Este autor vê o artista como alguém que capta a realidade numa imagem. Ele transforma esta realidade em forma palpável. Ela, a obra, revela o ser e o faz inserida na história (Palmer, 2006, p. 173-175).

Para Gadamer, então, não é a forma o mais importante, se não fosse pelo seu significado. E, da mesma maneira, não haveria significado sem a forma. Ambos se interligam. Nas palavras de Palmer:

Num poema nunca perguntamos primeiro pela forma, nem a forma alguma vez poderá ser aquilo que faz de um poema um poema. Perguntamos o que diz o poema e experimentamos o seu significado na e pela forma, ou como também se pode dizer, no e pelo evento lúcido de encontrar a forma, pois a

forma é evento quando a encontramos; somos captados e dominados pelo espírito do poema (Palmer, 2006, p. 178).

Benedito Nunes, escritor brasileiro, falecido em 2011 aos 81 anos de idade, desenvolveu sua crítica, seu trabalho, na relação entre a hermenêutica e a poesia, com influência heideggeriana (Pinheiro, 2012, p.172). Escreveu o livro *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger* e também *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Estudou, dentre outros autores, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto.

Segundo Benedito Nunes:

[...] mais diretamente do que qualquer outra arte, a poesia participa, pela palavra, que constitui a sua matéria, do trabalho preliminar e mais primitivo do pensamento, como obra de linguagem. A poesia é o limiar da experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante [...] (Pinheiro, 2012, p. 179).

Ele reafirma, a partir dos grandes teóricos do passado, a importância da arte literária, e mais precisamente, da poesia.

A obra de Benedito Nunes, segundo a tese de doutorado de Jucimara Tarricone, evidencia que é a hermenêutica o espaço possível para a interconexão entre a filosofia e a literatura. E, na poesia, mesmo respeitando suas especificidades, esta relação “opera em grau máximo” (Tarricone, 2007, p. 4).

3 Hermenêutica e religiosidade na poesia brasileira

Relacionar o religioso, a poesia e a hermenêutica significa também pensar sobre a religião e como esta é significada pelo homem. Segundo Palmer, para Schleiermacher, a base da religião não está no puramente racional: “A religião não diz respeito ao homem que vive de acordo com uma ideia racional, mas sim aquele que vive, age e sente a sua situação de criatura dependente de Deus” (Palmer, 2006, p. 92). É este mesmo homem, com seus sentimentos e intuições, que constrói e se eleva através da poesia, particularmente da religiosa, que o liga a Deus.

Na visão de Palmer, Heidegger, unindo a obra de arte e o sagrado, evidencia que:

[...] quando a obra de arte é considerada, não como uma objectificação da subjectividade humana, mas como uma revelação do ser, ou como uma janela para um domínio sagrado, então o encontro que com ela temos é como que receber uma dádiva, que mais é o acto de um sujeito que capta a subjectividade (Palmer, 2006, p. 152).

Esta “janela para um domínio sagrado” tem suas diferentes estruturas, dependendo do autor abordado.

Trabalhando com a poesia, temos, ainda no século XVII, um autor que trabalha o texto sacro de forma inclusive polêmica, e que, segundo o poeta Rodrigo Petronio, aplica a hermenêutica sacra a textos laicos e profanos (Petronio, 2007, p. 4).

Padre Antônio Vieira, nasceu em Portugal, mas viveu desde sua infância em terras brasileiras. Viveu no período de 1608 a 1697, percorrendo quase todo o século XVII (Gomes, 1975, p. 4). Transitou entre Portugal e Brasil, envolvendo-se com literatura, teologia, política. Transforma palavras simples em sermões. Sermões em poesia. Poesia em conexão direta com Deus. Segundo o historiador Luís Felipe Baeta Neves, a importância que o padre dava à língua era fundamental. A linguagem era o instrumento para a possibilidade da conversão (Neves, 1997, p. 215). Deveria, a partir dela, haver entendimento, para que ambas as partes – catequista e catequizado – compreendessem e fossem compreendidos. No “Sermão do Espírito Santo”, padre Vieira fala que:

Por que vos parece que apareceu o Espírito Santo hoje sobre os apóstolos, não só em línguas, mas em línguas de fogo? Porque as línguas falam, o fogo alumia. Para converter almas, não bastam só palavras: são necessárias palavras e luz. Se quando o pregador fala por fora, o Espírito Santo alumia por dentro, se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da sua luz entram no coração, logo se converte o mundo (Neves, 1997, p. 215).

Para o estudioso Ivan Teixeira (2003, p. 143), padre Antônio Vieira, com um pensamento que unia a retórica, a teologia e a política, entendia a natureza e também a história como expressão da vontade divina. Ao mesmo tempo trata de assuntos sacros, com refinada erudição, mas alcança os ouvidos dos crentes, porque fala a mesma língua destes:

O amor fino não busca causa nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há-de ter porquê nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo: se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há-deamar o amor para ser fino? Amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam é agradecido. Quem ama, para que o amem, é interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, só esse é fino (Vieira, 1645).

Saindo do século XVII e trabalhando com uma poeta da atualidade, temos o mesmo encontro com o sagrado, o mesmo elevar do sentimento que toca o divino, mas com uma construção literária completamente distinta. A poesia contemporânea, nas palavras de Adélia Prado, passeia entre o cotidiano e o religioso. Ambos intrinsecamente atrelados.

Adélia Prado é poeta de Divinópolis, município de Minas Gerais. Nasceu no ano de 1935. Casou, teve cinco filhos, fez faculdade de filosofia e só em 1976, aos 40 anos, publicou seu primeiro livro, *Bagagem*, elogiado por Affonso Romano de Sant'Anna e Carlos Drummond de Andrade. De lá para cá, produziu 18 livros, sendo o último, *Miserere*, lançado no ano de 2014. Adélia, em suas palestras, discursa sobre o amor, sobre psicologia, sobre o sentido da vida, sobre religião e sobre o cotidiano. São esses os temas que embalam sua existência e poesia (Prado, 2014).

Em artigo, GenildaBoehler cita, a respeito de Adélia, que:

[...] um dos fatores que marcam sua obra é a religiosidade. A religiosidade é de uma mulher cristã, católico-romana e mineira. São esses elementos que revelam as peculiaridades da autora. Mas o curioso é sua reinvenção do próprio catolicismo, expressa nas metáforas que revelam emoções de corpo e alma. Para Adélia Prado, poética e religião se cruzam e, por isso mesmo, o elemento poético faz transcender a religião (Boehler, 2008, p.113).

Nos dois textos a seguir, temos o trabalho cuidadoso com as palavras. Mas a gramática e sua formalidade não bastam para traduzi-la. Há um diálogo entre autor e leitor, ou melhor, um sentimento que transita entre um e outro: o sentimento de saber-se humano, e, ainda assim, abarcar o infinito.

Antes do nome

Não me importa a palavra, esta corriqueira.

Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o "de", o "aliás",
o "o", o "porém" e o "que",
esta incompreensível muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus cujo Filho é Verbo.
Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave,
surda-muda, foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos, se poderá apanhá-la:
um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror
(Prado, 2006, p. 25).

Crucificação

Quando nada socorre
e até a solicitude dos que nos têm amor parece engano,
o ente sinistro ronda.
Estás sozinho e não é no deserto,
no mar aberto não é,
lugares onde ainda se pode debater.
É antes da explosão que resultou no mundo,
quando eram uma coisa só adoração e blasfêmia,
o desumano limite onde deuses imperfeitos te castigam.
Ali, como um cordeiro de Deus descobrirás:
Minha alma é eterna e eu sou bom
(Prado, 2014, p. 49).

Vemos dois estilos distintos entre Antônio Vieira e Adélia Prado. A utilização das palavras varia entre o erudito e o popular. Também temos variados momentos históricos, um no Brasil colonial e o outro no atual. Um nasce dentro da instituição religiosa, e outro fala do cotidiano. Podemos aprender como as teorias hermenêuticas nos fazem entender melhor a obra a partir do seu tempo, da história de vida do seu autor e, inclusive, dos nossos pressupostos a respeito do que lemos. Mas, em ambos os casos, são obras de arte que tocam no sagrado. E, como tal, elevam-nos e nos ensinam um pouco mais sobre nós mesmos e nossa comunhão com Deus.

Seguindo uma hermenêutica heideggeriana para entender ambos os autores, Antônio Vieira e Adélia Prado, é na própria poesia que o ser se revela. Que ser? O próprio leitor, que, num olhar atento, deixa-se penetrar pela obra e se compreende um pouco mais. Amplia seu mundo, compreende seu ser, toca o sagrado.

A linguagem torna-se hermenêutica em seu mais alto grau em um poema. Para Heidegger, o poeta, como Hermes, é um mensageiro dos deuses. É o próprio hermeneuta (Palmer, 2006, p. 159).

Conclusão

Hermenêutica e poesia são campos teóricos demarcados, com suas características próprias e bem delimitadas. Eles, entretanto, dialogam. E, nesse diálogo, beneficia-se o leitor, pela riqueza de conhecimento e pelo transbordamento de sentido e vida que daí provém.

A hermenêutica, a partir da visão dos diversos autores que a estudaram, veio a contribuir para uma visão mais ampla sobre o assunto: que a interpretação necessita de um contexto histórico, que ela não se dá na relação leitor-obra de forma imparcial ou neutra, e que o texto tem vida. Não uma vida própria e distante, mas uma vida que se relaciona com a vida de quem o lê, no diálogo, na vivência, no afeto. No “agarrar e ser agarrado” pela obra (Palmer, 2006, p. 96).

A poesia e, mais precisamente, a poesia religiosa tem sua importância e sua hermenêutica. Inserida no contexto histórico, experienciada pela busca de conhecimento religioso, pela experiência mística, pela sede do divino, ou como simples noção cotidiana que nos atrela do finito ao infinito, ela se torna fundamental para a existência humana. Ela alimenta e dá sentido à existência. E inserida como “[...] linguagem é um meio de excelência para a transmissão do espiritual” (Palmer, 2006, p. 84).

Referências bibliográficas

ANGLADA, Paulo R. B. *Orare et Labutare: A hermenêutica reformada das escrituras. Fides Reformata online*: revista do centro presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, São Paulo, volume II n.1, 1997. Disponível em: <<http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/visualizar/21>> Acesso em: 12 maio 2014.

BOEHLER, Genilda. Poesia, teologia e gênero: Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid em diálogo. *Educação e Linguagem*, ano 11, n.18. jul.-dez. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/109>> Acesso em 13 maio 2014.

GOMES, Eugênio. *Vieira: Sermões*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

HERMENÊUTICA In: BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ed. FTD, 2007. p. 405.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. *Vieira e a Imaginação Social Jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Ed. 70, 2006.

PETRONIO, Rodrigo. Teatro de maravilhas: algumas imagens dos Sermões do Padre Antônio Vieira. *Agulha - revista de cultura*, Fortaleza, São Paulo, n.56, - março/abril de 2007. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag56vieira.htm>> Acesso em: 12 mai. 2014.

PINHEIRO, Victor Sales. Benedito Nunes, filósofo da literatura. *Revista Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia* – UERJ, Rio de Janeiro, V. 1, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/3820>> Acesso em: 13 mai. 2014.

PRADO, Adélia. *Miserere*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. *Terra de Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Record, 2006.

TARRICONE, Jucimara. *Hermenêutica e Crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. 2007. 311f. Tese apresentada como exigência parcial a obtenção do título de doutora (doutorado em teoria literária e literatura comparada) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/.../8/.../TESE_JUCIMARA_TARRICONE.pdf> Acesso em: 13 mai. 2014.

TEIXEIRA, Ivan. Hermenêutica, Retórica e Poética nas letras da América Portuguesa. *Revista USP*, São Paulo, n.57, março/maio 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/57/09-ivanteixeira.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2014.

VIEIRA, Antônio. *Sermão do Mandato*. Capela Real, Lisboa, 1645. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28727>> Acesso em 13 mai. 2014.